

UM PROJETO ALTERNATIVO DE EDUCAÇÃO AFEGÃ: a revolução silenciosa de Sakena Yacoobi e paralelos com Paulo Freire

*An Alternative Afghan Education Project:
The Silent Revolution of Sakena Yacoobi and Parallels with Paulo Freire*

Yuri Alan Maciel Tesch¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2213058028330636>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0932-5712>

E-mail: yuri.tesch@hotmail.com

Recebido em: 02/12/2024

Aprovado em: 13/12/2025

Editoras responsáveis: Vitória Ferreira Doretto, Simone Martins Cabral

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pesquisador sobre o Oriente Médio, Afeganistão, Paquistão, Pashtunistão, microssociedades no Oriente Médio, Orientalismo e Invasão Soviética no Afeganistão.



Revista de Estudos da Ásia, Recife, v. 1, n. 1, e265096, 2025.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 3086-4526.

<https://doi.org/10.51359/3086-4526.2025.265096>



Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A **Revista de Estudos da Ásia** não se responsabiliza por conceitos, análises, opiniões e ideias apresentados pelos autores dos textos, nem por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e quaisquer outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela reprodução e utilização de imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

RESUMO

Este artigo, intitulado “Um Projeto Alternativo de Educação Afegã: A Revolução Silenciosa de Sakena Yacoobi e Paralelos com Paulo Freire” se propõe a sintetizar a trajetória de ambos os educadores em sua luta contra regimes de opressão. Sakena tendo implementado no Afeganistão, em meados da década de 1990, uma rede de escolas clandestinas para meninas no então governo extremista do Talibã, e Paulo Freire enfrentando a ditadura militar brasileira na década de 1960, tendo seu Plano Nacional de Educação sido abortado por ser considerado subversivo e uma ameaça à soberania nacional. Ambos os educadores, em suas respectivas metodologias pedagógicas, a despeito de suas especificidades, buscavam fomentar nos educandos uma consciência crítica da realidade na qual estavam inseridos, tendo como finalidade última a transformação da sociedade. Esta pesquisa partirá de nove categorias de análise fundamentais da obra de Paulo Freire, comparando-as com o discurso e a prática de Sakena Yacoobi. A pesquisa bibliográfica qualitativa, que encontra em Cervo e Bervian um de seus principais expoentes, norteará esse estudo.

Palavras-chave: Pedagogia; Afeganistão; educação freiriana.

ABSTRACT

This article entitled An Alternative Afghan Education Project: The Silent Revolution of Sakena Yacoobi and Parallels with Paulo Freire proposes to synthesize the trajectory of both educators in their struggle against oppressive regimes. Sakena implemented in Afghanistan in the mid-1990s a network of clandestine schools for girls in the then extremist government of the Taliban, and Paulo Freire faced the Brazilian military dictatorship in the 1960s, he had his National Education Plan aborted because it was considered subversive and a threat to national sovereignty. Both educators, in their respective pedagogical methodologies, despite their specificities, sought to foster in the students a critical awareness of the reality in which they were inserted, with the ultimate aim of transforming society. This research will start from 9 fundamental analysis categories of Paulo Freire's work, comparing them with the discourse and practice of Sakena Yacoobi. The qualitative bibliographic research that finds in Cervo and Bervian one of its main exponents will guide this study.

Keywords: Pedagogy; Afghanistan; Freirean Education.

UM PROJETO ALTERNATIVO DE EDUCAÇÃO AFEGÃ: a revolução silenciosa de Sakena Yacoobi e paralelos com Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

Os holofotes do mundo inteiro voltaram-se para o Afeganistão após a recente retirada das tropas norte-americanas e a retomada em velocidade assustadora do poder pelo Talibã, que, já em seus primeiros dias de governo, manifestou oficialmente a proibição das mulheres em praticar esportes e a frequentar classes mistas com meninos. Apesar de toda a preocupação do governo em passar a imagem para o mundo ocidental de que o Talibã não repetiria a sua atroz política de repressão e violência, que vigorou no país de 1996 a 2001, casos como a repressão a jornalistas, estrangeiros, mulheres e crianças mostram, na prática, o retrocesso ao qual o regime está conduzindo o país.

O Afeganistão é um país de importante posicionamento geoestratégico. Localizado na Ásia Central, faz fronteira com China, Irã, Paquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, e tem uma população multiétnica, com graves problemas na parte de infraestrutura. Atualmente possui 32 províncias, as quais são subdivididas em 329 distritos. Etimologicamente falando, o Estado abriga diversos grupos de origens tribais. O mais relevante dentre eles são os “pashtanah”², seguidos pelos tadjiques, hazaras uzbeques e os turcomenos.

O país já foi invadido pela União Soviética em 1979, tendo o poder sido tomado pelo Talibã em 1996; foi invadido pelos Estados Unidos em 2001, ocasionando a queda do regime dos talibãs, tendo eles agora retornado ao poder após a saída das tropas estadunidenses do país. Seus índices de alfabetização são os mais baixos no mundo, cerca de 95% da população é analfabeta e vive em regiões de zonas de conflitos (Almanaque, 2015).

O Brasil é um país da América do Sul, que foi colonizado principalmente pelos portugueses, alcançando sua independência da metrópole portuguesa em 1822, e se tornando uma república em 1889. Quatro em cada dez brasileiros, jovens e adultos, eram considerados analfabetos na década de 1960 durante a ditadura militar. Ambos os países, a despeito de suas peculiaridades e especificidades, tiveram problemas semelhantes no que se refere à educação nos regimes de exceção acima citados (Almanaque, 2015).

² Pashtanah corresponde ao plural da palavra pashtun no idioma pashto.

Este artigo propõe uma análise comparada entre o educador brasileiro Paulo Freire e a educadora afegã Sakena Yacoobi³. Ambos os educadores, em suas respectivas metodologias pedagógicas, partiam dos conhecimentos prévios dos indivíduos para que estes formassem uma consciência crítica da realidade na qual estavam inseridos, tendo como finalidade última a transformação da sociedade.

O Talibã é um movimento islâmico político-militar surgido entre o final da invasão soviética do Afeganistão e início da subsequente guerra civil eclodida no país. Em poucos anos de existência, o movimento conseguiu tornar a sua visão político-religiosa extremista islâmica em um projeto hegemônico, governando efetivamente o país de 1996 a 2001. Dentre as leis e procedimentos implementados pelo regime, tidos como abusivos, coercitivos e cerceadores da liberdade, podemos citar a proibição das meninas e mulheres em frequentar escolas e universidades. A educadora Sakena se elevou como uma das principais opositoras a essas práticas, realizando uma verdadeira revolução silenciosa na educação afegã, através de um currículo que promovia a cidadania, a consciência no coletivo e, acima de tudo, pretendia resgatar a autoconfiança das afegãs.

No Brasil, a ditadura militar de 1964 buscou estigmatizar o estudante como jovem infrator, mediante leis autoritaristas de supressão dos movimentos estudantis, como a União Nacional dos Estudantes, destituindo professores não alinhados ideologicamente, censurando e boicotando visões pedagógicas indutoras da autonomia e do desenvolvimento integral do cidadão, indo assim na contramão das contribuições progressistas do Plano Nacional de Alfabetização, influenciado por Paulo Freire, o que culminou em sua prisão e exílio.

A problematização da pesquisa incide na análise comparativa dos contextos históricos, das trajetórias, das metodologias e dos legados da vida e obra desses dois educadores, partindo dos conceitos, principalmente de opressor e oprimido, de Paulo Freire para identificar paralelos na teoria e práxis de Sakena.

Os motivos da escolha deste tema recaem tanto na sua atualidade, tendo em vista a recente retirada das tropas estadunidenses no Afeganistão, e consequente retomada do poder pelo Talibã, e a recente celebração do centenário do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, quanto pela familiaridade com o tema, uma vez que ele tem sido objeto de meus estudos.

³ Quatro artigos de autoria de Yacoobi foram utilizados para a elaboração deste artigo, sendo eles: “In Afghanistan, teaching men that education is not a threat”; “The Afghan Institute of Learning: Bringing Human Rights Education to Afghan Women”; “A Quiet Transformation: Afghan Women’s Networking Movement” e “Changing assumptions about women in the Islamic world by working with communities”. Um capítulo de livro da referida autora também foi mobilizado, a saber, “Women educating women in the afghan diaspora: why and how”.

Assim, este artigo, intitulado “Um Projeto Alternativo de Educação Afegã: A Revolução Silenciosa de Sakena Yacoobi e Paralelos com Paulo Freire”, abordará a Pedagogia aplicada por ambos educadores nesses países para diminuir os índices de analfabetismo, com o objetivo de alavancar a qualidade de vida dessas populações através da educação.

2 SAKENA YACOobi: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA

A Dr.^a Sakena Yacoobi é uma afegã nascida em 1957, no distrito de Herat. Durante anos trabalhou na Coordenação da Agência para o Auxílio ao Afeganistão, atuando como pedagoga de educação do Plano de Reabilitação do Afeganistão, instituição das Nações Unidas. Yacoobi ficou mundialmente conhecida quando foi indicada para o Prêmio Nobel da Paz por promover a educação, a democracia e os direitos das mulheres no Afeganistão (Yacoobi, 2020). Ela é formada em ciências biológicas e promoveu uma “silenciosa revolução” no Afeganistão ao fundar, em 1995, o Instituto de Ensino Afegão, abrindo inúmeras escolas e clínicas de saúde clandestinas sob o regime do Talibã, que atuam até hoje no país (Yacoobi, 2020).

Segundo Alberca (2016, p. 2, tradução nossa), no Afeganistão, “os obstáculos para a educação das mulheres são maiores no mundo rural, onde têm mais peso as tradições conservadoras”⁴. Essa falta de acesso à educação nas zonas rurais impulsionou a expansão da organização da rede educacional fundada por Sakena, conhecida como Afghan Institute of Learning (Instituto de Aprendizado Afegão), pelo interior do país, reduzindo assim as desigualdades.

Compreende-se nesta pesquisa a diferenciação entre totalitarismo e autoritarismo, o primeiro ocorrido no Afeganistão com o regime extremista do Talibã, e o segundo no Brasil com a ditadura militar. A principal diferença reside no fato do totalitarismo pretender exercer controle sobre todos os aspectos da vida privada do indivíduo, enquanto o autoritarismo diz respeito a um regime político adverso a democracia, mais fortemente vinculado ao controle político e na obediência civil, permitindo algum grau de liberdade na esfera privada.

⁴ No original: “Los obstáculos para la educación de las mujeres son mayores en el mundo rural, donde tienen un mayor peso las tradiciones conservadoras”.

3 PAULO FREIRE E A NECESSIDADE DE SE ESPERANÇAR

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, capital de Pernambuco. Estudou por meio de bolsa estudantil no Colégio Oswaldo Cruz, onde, posteriormente, deu aulas de português. Em 1943, ingressou no curso de Direito da Universidade de Recife. Em 1947, Freire foi nomeado diretor do Departamento de Educação e Cultura, do Serviço Social da Indústria (SESI); era o início de um trabalho com a alfabetização de jovens e adultos de baixa renda e de trabalhadores da indústria. Em 1961, tornou-se diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade de Recife, fato esse primordial para as primeiras pesquisas mais sistematizadas com alfabetização de adultos, que culminaram na experiência de Angicos, com a qual realizou a alfabetização de jovens e adultos em cerca de 40 horas e com baixos custos.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O método desenvolvido por Paulo Freire inspirou o Plano Nacional de Alfabetização, que começou a ser implementado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) ainda no governo de João Goulart. Com o golpe militar em 1964, Paulo Freire passou mais de dois meses preso, foi exilado e acusado de comunismo. Durante seu exílio, nos Estados Unidos, no Chile e na Suíça, o pedagogo coordenou projetos de alfabetização de adultos, ensinou em universidades, prestou consultorias a mais de 30 países pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e desenvolveu projetos educacionais em vários países do continente africano.

Freire retornou ao Brasil em 1980, após dois anos de Anistia. Trabalhou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Em maio de 1997, Paulo Freire falece, aos 76 anos. Em vida e postumamente, o professor Paulo Freire foi condecorado com 48 títulos honoríficos. É o Patrono da Educação Brasileira por meio da Lei 12.612/12, concedido pela então presidente Dilma Rousseff.

Nas palavras de Sakena, no documentário “Afghanistan Courage and Compassion”, “através da educação transforma-se as pessoas, que por sua vez transformam as mulheres, que transformadas mudam a família, a família modifica a sociedade, e a sociedade transforma uma nação” (Fetzer, 2012). Essa perspectiva da educação transformadora e emancipatória, conforme a hipótese deste artigo, aproxima-se da visão da Educação Freiriana aplicada em Angicos, no Rio Grande do Norte, no Brasil, que, assim como Sakena, teve de lidar com uma situação de

governos de exceções, ela no Afeganistão, com a questão do Talibã, e ele com a ascensão do governo de Castelo Branco. Na obra *Educação como Prática da Liberdade* (1967), Paulo Freire registrou sua experiência na aplicação daquilo que veio a ser conhecido como Método Paulo Freire:

Afirmção fundamental que na alfabetização de adultos, para que não seja puramente mecânica e memorizada, o que se há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para que se alfabetizem. [...] aí, então, ele mesmo se politizará. Quando um ex analfabeto de Angicos, discursando diante do Presidente Goulart, que sempre nos apoiou com entusiasmo, e de sua comitiva, declarou que já não era massa, mas povo, disse mais do que uma frase: afirmou-se conscientemente numa opção. Escolheu a participação decisória, que só o povo tem, e renunciou à demissão emocional das massas. Politizou-se (Freire, 1967, p. 119).

Já Sakena tem a grandiosa pretensão de reconstruir o país, que detinha um dos menores índices de alfabetização, através de centros educacionais onde professores locais são treinados e são oferecidas turmas da pré-escola ao ensino médio, assim como aulas geradoras de renda, como costura, informática e inglês, conforme a necessidade local. Se solicitado, são oferecidos “workshops” aprofundados que treinam as mulheres para serem líderes e defenderem seus direitos humanos e sobre temas como paz, democracia e eleições, assemelhando-se ao processo emancipatório de Paulo Freire, onde não basta fornecer conhecimento ao aluno, e sim fazer com que esse conhecimento gere consciência política e participação ativa na sociedade.

Durante a invasão soviética no Afeganistão, Sakena estava nos Estados Unidos completando seus estudos; ela teve êxito em retirar sua família da zona de guerra, levando-a para a América. Entretanto, ela estava em conflito consigo mesma, porque queria voltar para o Afeganistão, fazer algo pelo seu país nesses tempos sombrios. Ela acata então a sugestão do pai de não ir diretamente para o Afeganistão, pois era extremamente perigoso, já que o Talibã estava em confronto com os soviéticos, e se direciona para o Paquistão, onde mais de 7.5 milhões de refugiados afegãos residiam.

Eu descobri quem estava realmente sofrendo após ver o meu povo vivendo da melhor maneira que podia, sendo generosos mesmo em circunstâncias tão miseráveis. Meu coração doía, e eu não podia deixar de me compadecer por eles. Foi então que eu percebi que a única coisa que poderia modificar o rumo de suas vidas era a educação; Eu acredito que a educação é um direito humano fundamental para todos. Eu aprendi que a melhor coisa que eu poderia fazer pelos refugiados era dá-los a chance de receber educação (The Sunhak Peace Prize Fundation, 2018, p. 72).

É curioso que seja justamente nos campos de refugiados que uma “revolução silenciosa” de confronto ao Talibã surge por meio da iniciativa de uma corajosa mulher. Curioso, pois esses

mesmos campos entre o Afeganistão e o Paquistão deram origem a um determinado tipo de estudante: homens que receberam um outro tipo de educação, nas “madrassas”⁵ extremistas islâmicas, financiadas pela Arábia Saudita. Esses estudantes, os “tālib”, literalmente conhecidos como “estudantes do Islã”, deram origem ao Talibã.

De acordo com Márcio Scalécio (2010), ao longo da “Jihad” contra os soviéticos e durante a guerra civil afegã, cerca de um milhão e meio a dois milhões de “pashtanah” deslocaram-se para campos de refugiados no Paquistão. Essa fronteira serviu como um refúgio de alguns combatentes, como explica o autor: “(...) muitos dos homens mantinham-se em permanente vai e vem cruzando a fronteira para tomar parte na Jihad ou mesmo, depois, na guerra civil” (Scalécio, 2010, p. 57). Esses campos eram mantidos por arrecadações da Organização das Nações Unidas (ONU), do Paquistão, de Organizações Não Governamentais (ONGs) internacionais do Ocidente e também por doações de diversos governos.

A Arábia Saudita faz parte do grupo de investimentos externos através de organizações humanitárias muçulmanas; essa política vai ao encontro com o desejo de expandir a interpretação “wahabita” do Alcorão pelo mundo islâmico. Nesse contexto, conseguimos entender as numerosas “madrassas” no Paquistão, às quais milhares de crianças pashtun refugiadas devem a sua formação.

Afastadas de suas raízes e tradições étnicas, milhares de crianças passaram a ser educadas por “madrassas” financiadas pelo dinheiro da caridade saudita. A primeira coisa que ocorria era a separação entre meninos e meninas, e mesmo o convívio com a mãe era rigorosamente controlado e limitado. Ainda segundo Scalécio (2010), era uma situação diferente do que ocorreria em suas tribos, onde seriam educados pelas mulheres. Ao invés das canções das tribos, da exaltação dos campeões tribais e dos ditames da moral “pashtunwali”, agora esses filhos da “Jihad” recebiam uma versão empobrecedora, simplificada e distorcida do Alcorão, da “sharia”⁶ e da moral, tendo seu passado substituído por uma imaginária comunidade islâmica original e, portanto, inventada. As grandes referências para estas crianças passaram a ser os guerrilheiros santos, ou seja, os “mujahedin”⁷ (Scalécio, 2010).

Tratava-se de uma verdadeira doutrinação ideológica através de uma interpretação religiosa extremamente rigorosa e professada pelos sauditas. O citado autor conclui que essa

⁵ Escolas islâmicas tradicionais.

⁶ Lei islâmica.

⁷ Combatentes da resistência islâmica.

doutrinação ideológica do Islã “wahabita” culminou com um determinado tipo de estudantes (Talib), que se confundem com a própria história do Talibã.

Outro tipo de estudante também estava sendo formado por Sakena, eram meninas e mulheres que o Talibã proibira de receber educação formal durante o seu governo. Com essa missão em mente, ela encontra o seu primeiro apoiador, um “mullah”⁸ respeitado pela comunidade. Esse apoio, a princípio, encontrou resistência em uma mentalidade afegã, respaldada na prática da educação forçada das mulheres promovida pelos soviéticos quando estiveram no poder — prática que desrespeitava a fé e a cultura afegã. Desse modo, muitos afegãos realmente acreditavam que as mulheres não deveriam estudar e que os professores estavam alinhados com o sistema comunista de educação. Convencido da importância da educação feminina, o “mullah”, sua esposa, filha e nora foram preparados por três meses por Sakena para se tornarem professores na primeira escola, que viria a funcionar na casa do próprio “mullah”.

Era o início da revolução silenciosa, a qual, até o ano de 2016, proveu programas educacionais, treinamento vocacional e serviços de saúde para mais de 16 milhões de pessoas por meio do Instituto de Aprendizado Afegão, fundado por Sakena em 1995.

Durante o regime do Talibã, Sakena abriu cerca de 80 escolas clandestinas na residência dos diversos apoiadores de sua causa espalhadas por todo o Afeganistão. Era um movimento extremamente arriscado; caso descobertos, eles poderiam enfrentar a prisão, a tortura e até mesmo a execução. Após o colapso do regime Talibã, Sakena pôs fim às escolas clandestinas e ajudou a transferir as alunas para escolas regulares ou para os recém-criados Centros de Lideranças das Mulheres de sua instituição.

Com a retomada do Talibã, esse processo de revolução pela educação está sendo ameaçada pelo retorno desses outros estudantes que não tiveram o privilégio de serem formados por um programa voltado para a construção da cidadania, dos direitos humanos e do resgate das tradições afegãs, programa ao qual Sakena dedicou sua vida inteira.

Atualmente a instituição de Sakena encontra-se extremamente debilitada, em processo de readaptação ao retorno do Talibã. Recentemente dois funcionários da instituição reuniram-se com o novo Ministro da Educação e, sob alegação de que o Talibã não pode garantir a segurança das mulheres no atual processo de treinamento das tropas, 70% do quadro de funcionários da instituição, ou seja, as mulheres, estão restritas a trabalhar em casa.

⁸ Mullah é um título dado em alguns países, como o Afeganistão, a líderes religiosos. O termo é geralmente associado a clérigos islâmicos locais.

No site da instituição, uma súplica é feita a todos: “Entrem em contato com a ONU e a Cruz Vermelha e peçam que enviem suprimentos para organizações locais. Estamos desesperados”.

Em relação à metodologia, este artigo é produzido e pautado em sua quase totalidade através da pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo e Bervian (2002, p. 66):

A pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema.

A pesquisa bibliográfica pode ser considerada um dos procedimentos mais adequados para expandir o conhecimento sobre determinado tema. A sua credibilidade é inquestionável, já que o material bibliográfico, antes de ser editado, passa por diversas revisões. Conforme Barros e Lehfeld (2000, p. 70), “a pesquisa bibliográfica tanto pode colaborar com a formação acadêmica do aluno, quanto com a produção inédita de trabalhos de reanálise, críticas e interpretação de diversas áreas de conhecimento”. Por meio da pesquisa bibliográfica, inúmeras teorias puderam ser criadas, criticadas e aprimoradas, abrangendo as mais diversas áreas do conhecimento.

As categorias analíticas de Paulo Freire selecionadas para esta pesquisa são: Ação-Reflexão, Autonomia, Diálogo/Dialogicidade, Educação Bancária/Educação Problematicadora, Emancipação, Oprimido/Opressor, Pedagogia do Oprimido, Práxis e Ser mais. Tal escolha se deve pela centralidade desses conceitos na obra Freiriana. A seguir, eles serão apresentados e comparados com o discurso e a prática da doutora Sakena Yacoobi.

5 ANÁLISES

5.1 Ação-Reflexão

Ação-reflexão não são antagônicos, tendo em Paulo Freire sua complementariedade, em que um alimenta o outro. Compreende-se que a palavra humana é ação, não existindo pensamento e linguagem sem um mundo a qual se refira; de igual modo, não existe mundo sem conhecimento. Sem a prática concreta, a reflexão se torna idealista, e o fazer sem a reflexão torna-se mecânico e irrefletido. Assim, a partir desta dialética, o indivíduo constrói-se em sua relação com o mundo e com os outros.

Sakena considera que, nos anos de 1950 e início de 1960, o Afeganistão era um lugar pacífico, onde as pessoas não se matavam com armas de guerra, e o país estava adotando, gradualmente, a seu próprio modo, a concepção e o estilo de vida ocidental. Mas a Guerra interrompeu esse processo, destruindo as estruturas e instituições sociais afegãs. Em um primeiro momento veio à invasão soviética, seguida pela guerra civil e pela ascensão do Talibã. A partir dessa reflexão, surge a ação de Sakena de oferecer educação, principalmente às meninas, em tempos de regime extremista. Logo, percebe-se que Sakena compreendeu de forma análoga a Paulo Freire, o poder transformador da práxis.

5.2 Autonomia

O indivíduo é intrinsecamente dependente, sendo um ser social e cultural; a autonomia, neste sentido, é reconhecer essa dependência sem, entretanto, assumir um fatalismo determinista da sociedade neoliberal, que pretende restringir o homem à condição de alienado. Destarte, o processo de construção da autonomia requer a conscientização e reflexão crítica e prática da realidade que o envolve. Trata-se da humanização do indivíduo.

O fatalismo na sociedade afegã, diferentemente da cultura ocidental, não era o sistema neoliberal, mas o extremismo ideológico religioso, que assumia formas de violência sistêmica no Afeganistão. O primeiro passo rumo à autonomia para Sakena é a contestação da proibição da educação das meninas. As aulas se davam nas casas de voluntários, dificultando os mecanismos de controle do regime Talibã.

No início havia sete tendas educacionais; em um ano, as escolas atendiam a 15 mil meninas. Em 2017, estima-se que o Programa de Sakena atendeu mais de 14 milhões de alunas, principalmente refugiadas. Elas aprendem a escrever, desenvolvem habilidades vocacionais e também são oferecidos serviços de saúde. Durante os anos do regime do Talibã, o Instituto de Aprendizagem Afegã patrocinou 80 escolas clandestinas em cinco províncias para 3.000 mil meninas, sem incidentes. As disciplinas ensinadas, diferentemente do ensino religioso que o governo extremista queria para as meninas, versavam sobre ciências humanas, ciências sociais e exatas; conversava-se sobre a questão da paz, dentre outros. Outra forma de consolidar a autonomia local é formando professores, o que o instituto de Sakena fez com mais de 20.000 docentes.

5.3 Diálogo/Dialogicidade

Uma das categorias centrais da obra freiriana, o diálogo/dialogicidade, é um dos fundamentos da educação libertadora em *Pedagogia do Oprimido*. Freire centraliza o diálogo como uma concepção problematizadora, pela qual a leitura do mundo é feita, enquanto agente inacabado e em constante transformação. O diálogo é instrumento dessa educação libertadora, no sentido em que o docente não é mais percebido como sujeito exclusivo e incontestável da palavra, antes, o professor é um mediador, de modo a facilitar a forma como o conhecimento ocorre, sempre de modo multilateral.

O diálogo na educação de Sakena ocorria a partir da socialização das meninas na escola; se não fosse a iniciativa da educadora afegã, elas ficariam enclausuradas em casa.

5.4 Educação Bancária/Educação Problematizadora

No dicionário dos verbetes de Paulo Freire, os autores discorrem sobre a diferença da Educação Bancária para a Educação Problematizadora:

Na Educação bancária, a palavra é ‘mais som que significação’ (p. 65), desenvolve-se como ‘memorização mecânica do conteúdo narrado’ (p. 66). Nega a concepção ‘ontológica da vocação de Ser Mais’ que ‘é humanizar-se’ (p. 70), por isso é ‘necrófila’ (p. 74). A problematizadora promove a ‘dialogicidade’ (p. 78) entre educando e educador mediada pelo mundo. Problematizar é realizar o ‘ato cognoscente’ (p. 80) pelo qual o diálogo se torna ‘indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível’ (p. 78) (Streck; Redin; Zitzoski *apud* Freire, 2008, p. 620-621).

A Educação Problematizadora liberta o homem da opressão. A libertação não consiste em doação dos estratos dominantes, realiza-se na verdade através da luta de classes de interesses divergentes, de modo que a educação bancária é alienante, estática, compartimentada, procura a submissão, em um caráter de conhecimento acabado e conclusivo, anestesiando a capacidade de reflexão e o senso crítico verdadeiro, impedindo que o educando perceba as contradições sociais, ela sufoca a curiosidade e busca submeter as classes dos estratos mais baixos aos ditames do poder vigente; ao passo que a educação problematizadora concebe o conhecimento como algo em movimento, não homogêneo e, portanto, inacabado.

A educação proposta por Sakena é por essência transformadora, uma vez que, por exemplo, ao se alfabetizarem, as meninas têm as condições de ir para a Universidade, tornarem-

se professoras ou, através das oficinas vocacionais, encontrarem uma forma alternativa de renda, rompendo com os condicionantes do poder vigente.

5.5 Emancipação

A emancipação é uma conquista política na luta constante pela libertação da opressão e da desumanização. É a adesão à transformação pessoal e do mundo, através da superação das condições e situações de vida dos oprimidos. Deste modo, o docente, comprometido com a emancipação do educando, deve valorizar a cultura, a individualidade e o acervo de conhecimento que os alunos já dispõem.

O projeto emancipatório de Freire contempla o multiculturalismo em uma aposta nas diferenças, com um diálogo constante entre as diversas culturas.

Sakena não era discriminatória na sua aceção de alunas, aceitando todas, independentemente de suas etnias; posteriormente passou a aceitar também meninos em suas turmas, compreendendo que é importante que eles modifiquem sua mentalidade para que não submetam mais as mulheres a situações cerceadoras da liberdade. Portanto, é um projeto educacional que busca a emancipação dos sujeitos.

5.6 Oprimido/Opressor

Os oprimidos e opressores são classes sociais em posições opostas e em constante luta. Embora seja possível que haja opressão entre os próprios oprimidos.

Envoltos em relação de dominação, ambos têm a sua vocação histórica e ontológica negada. Somente a ação libertadora do oprimido é capaz de restaurar a humanidade dos dois, para isso é necessário que o oprimido alcance a consciência de classe.

“A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam” (Freire, 2002, p. 30). O opressor desumaniza-se no ato da opressão, enquanto o oprimido é desumanizado pela realidade objetiva da opressão e pela internalização da imagem do opressor que o faz um ser duplo. É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da vocação. Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser (Freire, 1999, p. 99).

Os opressores para Sakena, nesse contexto, são os estrangeiros que invadiram o seu país, querendo impor sua cultura e seu modo de pensar, além do próprio Talibã, que desumaniza os afegãos; ela reconhece que os oprimidos não precisam ficar nessa posição para sempre, havendo possibilidade de superar essa condição.

5.7 Pedagogia do Oprimido

Uma das teses de Freire é:

‘Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão’ (p. 27). O oprimido se liberta na construção historicamente determinável – nunca determinada – de sua humanização pela qual busca a ‘verdadeira generosidade’ (p. 31) que se constitui em ‘ato de amor’ (p. 32) (Streck; Redin; Zitkoski *apud* Freire, 2008, p. 620).

A libertação supera a condição de coisificação a qual o opressor submete o oprimido. Essa superação não se dá no plano teórico, mas na ação, embora não exista um sem o outro.

A tese de Freire, descrita acima, sobre a libertação dos homens em comunhão, encontra ressonância no projeto educacional de Sakena, que partiu da interação comunitária de homens e mulheres dispostos a desafiar o *status quo*.

5.8 Práxis

A categoria conceitual práxis, para Paulo Freire, vincula-se ao conceito de dialogicidade. Entende-se por práxis a relação estreita entre leitura/interpretação do mundo e as consequências práticas dessa reflexão; o agir transformador, em oposição à alienação e domesticação, propõe transformar a realidade. O processo de ensino-aprendizagem, nesse sentido, não pode se resumir a um compilado de técnicas e teorias, mas a uma opção política que implique a ação no mundo. Teoria e prática, portanto, não estão apartadas, e sim imbricadas.

A luta de Sakena Yacoobi contra o regime extremista do Talibã foi realizada em um contexto onde a mesma dispunha de condições privilegiadas de vida no Ocidente, em um contexto onde, de certa forma ela abdicou dessas condições em prol de um objetivo maior, demonstrando que ela é uma mulher de ação, não se acomodando, mas enfrentando os antagonismos de seu país, uma vez que ela decide retornar para o Afeganistão, levando consigo apenas um sonho de proporcionar melhores condições de vida para seu povo, sonho este que se concretizou em diversas escolas ao redor do país.

5.9 Ser mais

O ser mais é a vocação do homem à humanização, identificada na permanente procura do conhecimento de si e do mundo, afirmando-se enquanto conquistador da liberdade. Essa vocação rompe com o determinismo e com fatalismos que afirmam a imutabilidade da condição humana. Não há estruturas ou princípios inatos que impeçam essa busca do indivíduo. Na obra *Pedagogia do oprimido*, Freire concebe que a estrada do ser mais perpassa o diálogo crítico e problematizador, sendo a opressão e a desumanização uma distorção da vocação humana, desumanização essa que, ainda que de formas diferentes, verifica-se também no opressor. É no reconhecimento de nossos condicionantes, de nossas situações-limite que o ser deve ter um olhar esperançoso e não acomodado frente à realidade a ser transformada.

A missão de Sakena é direcionada para a humanização dos sujeitos, os quais podem e devem construir uma sociedade mais justa e igualitária, rompendo com os paradigmas e os opressores através do Instituto de Aprendizagem Afegão, dando, assim, um passo importante rumo a essa humanização.

6 CONCLUSÃO

Percebe-se, nesta pesquisa, que, embora não se possa afirmar que Sakena tenha tido contato com a obra de Paulo Freire, há, entretanto, paralelos significativos entre as práxis de ambos. A partir da seleção das principais categorias de análise freiriana (Ação-Reflexão, Autonomia, Diálogo/Dialogicidade, Educação Bancária/Educação Problematicadora, Emancipação, Oprimido/Opressor, Pedagogia do Oprimido, Práxis e Ser mais) se estabeleceu uma relação com as experiências concretas de Sakena. Conclui-se que os dois educadores propõem uma educação transformadora e emancipadora em seus respectivos contextos sociais, políticos e econômicos.

REFERÊNCIAS

AFGHANISTAN Courage and Compassion by Dr Sakena Yacoobi. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (12 min. 51 sec.). Publicado pelo canal Dr. Sakena Yacoobi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SXJPeRx8F40>. Acesso em: 12 set. 2021.

ALBERCA, M^a José Izquierdo. **Sakena Yacoobi**: La Valentía de Luchar por la Educación de las Niñas y Mujeres Afgana. Madrid: IEEE.ES, 2016. Disponível em: http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_informativos/2016/DIEEEI01-2016_Sakena_Yacoobi_MJIA.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

ALMANAQUE Abril. São Paulo: Abril, 2015.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica**: Um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SCALÉRCIO, Marcio Antonio. Os Filhos da Jihad. **Rev. Insight Inteligência** [online], n. 51, 2010. Disponível em: <http://insightinteligencia.com.br/pdfs/51.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

THE SUNHAK PEACE PRIZE FOUNDATION. The Mother of Regugee Education. Coreia do Sul: Mirae Book, 2018.

YACOOBI, Sakena. Resume. Cabul, 2020. Disponível em: <https://www.afghaninstituteoflearning.org/uploads/4/5/8/1/45817689/syresume.7.10.2020.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

YACOOBI, Sakena. In Afghanistan, teaching men that education is not a threat. **The Christian Science Monitor**, [S.l.], 2015. Disponível em: <https://www.csmonitor.com/World/Making-a-difference/Change-Agent/2015/0219/In-Afghanistan-teaching-men-that-education-is-not-a-threat>. Acesso em: 06 out. 2024.

YACOOBI, Sakena. The Afghan Institute of Learning: bringing human rights education to Afghan women. **Human Rights Education in Asian Schools**, [S.l.], 2004. Disponível em: https://www.hurights.or.jp/archives/human_rights_education_in_asian_schools/section2/2004/03/the-afghan-institute-of-learning-bringing-human-rights-education-to-afghan-women.html. Acesso em: 08 nov. 2024.

YACOOBI, Sakena. A quiet transformation: Afghan women's networking movement. **HuffPost**, [S.l.], 2013. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/a-quiet-transformation-af_b_3240860. Acesso em: 10 nov. 2024.

Tesch, Y. A. M. Um projeto alternativo de educação afegã

YACOOBI, Sakena. Women educating women in the afghan diaspora: why and how. *In*: HOWLAND, Courtney W. (ed.). **Religious fundamentalism and the human rights of women**. New York: Palgrave, 1999. p. 229–235.

Como citar (ABNT)

TESCH, Yuri Alan Maciel. Um projeto alternativo de educação afegã: a revolução silenciosa de Sakena Yacoobi e paralelos com Paulo Freire. **Revista de Estudos da Ásia**, Recife, v. 1, n. 1, e265096, p. 1-17, 2025.

Revista de Estudos da Ásia, Coordenadoria de Estudos da Ásia, do Centro de Estudos Avançados da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

ISSN: 3086-4526

Website: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosasia>